

## A aldeia encontrada

O sol estava ardente, e com ele vinha os gritos matinais da minha irmã. Eu e Ananya fazemos colares para nossa aldeia, hoje não seria diferente.

—Aruna, vamos.

A aldeia estava como sempre, lindas árvores, o som dos pássaros e cada um fazendo o seu trabalho. A floresta estava radiante, os animais alegres, cantarolando sobre a terra, pedindo à benção do nosso Deus Tupã.

Andávamos tranquilamente, quando à frente avistamos o cacique Moacir. O cacique era o nosso representante, ao anoitecer, ouvíamos as histórias dos nossos antepassados, histórias do nosso Deus Tupã, das benções concebidas por ele.

— Aruna e Ananya, que bom vê-las, que Tupã ilumine seus caminhos.

Seguimos o nosso caminho após uma pequena pausa para benções e concelhos do cacique.

O dia passou rápido, o Sol já estava abaixando e com sua saída, o vento vinha à congelar, o frio do anoitecer era esplêndido, gelado e acolhedor.

Congelei, e não foi de frio. O som vinha alto no meio da floresta, pássaros que cantarolava ao amanhecer, agora desafinava e voava para longe. O braço de Ananya se encontrava como sangue, rosas vermelhas, ao aperto que lhe dei.

Eu quis ir embora, ao mesmo tempo, aquele som me chamava, as árvores falavam comigo, a agonia dos pássaros me sufocava e a curiosidade vinha com esses sentimentos.

— Vamos Aruna, precisamos chamar o cacique, pode ser perigoso e precisamos ficar todos juntos.

Conhecendo minha irmã, eu sabia que ela queria ficar, a floresta é a nossa vida, Tupã irá nos proteger, é isso que o cacique nós diz todas as noites.

Estalos e fumaça vinham da floresta. O que estava acontecendo? O que aquilo significava? O medo estava batendo no meu peito, sentindo a gravidade que estava por vim. Os traumas estavam voltando, à 10 anos meus pais saíram e foram atacados por homens brancos, homens esses que os tiraram a vida e só restaram eu, com 3 anos e Ananya com 10. Saímos do nosso local de origem e fomos abrigados por Moacir, hoje a aldeia é a nossa família.

— Ananya temos que ver o que está acontecendo, vamos entrar na floresta.

Ananya me olha com um olhar frio, cinzento e curioso. Súplica:

— Não, Aruna. Vamos embora.

Fiquei, implorei e o meu clamor foi atendido. O sol já não existia, a lua cheia iluminava o caminho de entrada da floresta. A cada passo, o barulho ressoava e ficava mais vibrante. Os gritos vinham da minha cabeça, o barulho externo era igualmente ao interno, ferozes e incertos.

Mãos dadas e firmes, olhos arregalados e corpos trêmulos. Foi assim que se encontramos ao chegarmos ao destino final. A mata estava coberta, cobertores de madeira e folhas, folhas amarelas, folhas cobertas de fogo.

Ao lado do fogo estava homens, brancos. Com olhos de curiosidade, o mais velho, suponho que seja como um cacique, o chefe, veio até nós, não muito próximo, perto o bastante para ouvirmos sua voz.

— Quem são vocês? O que estão fazendo aqui à esta hora?

Apertando minha mão, Ananya toda postura:

— Somos indígenas kiriris, está é a nossa floresta, quem são vocês?

O homem dá dois passos lentos e analisa os nossos rostos.

— Me chamo, Oto, venho em nome da minha empresa tomar este lugar, desejo que saíam daqui de boa vontade, ou medidas podem ser tomadas.

Me pronuncio, decidida a fugir do medo:

— Essa terra não tem dono, a terra é sagrada, Tupã não deixará a floresta ser tomada

Os olhos de Oto se arregalaram, tenso e os passos dados para frente **anteriormente**, agora se **encontra** atrás mais uma vez. Rio, orgulhosa que meu ato tenha lhe causado medo. Os olhos dele não me observ**a**, sigo seus olhos e **encontro-lhe** a resposta.

A fauna revida, as belas rosetas se sobressa**ia** ao luar, os olhos pretos das **onças**, caía sobre os meus. Olhos meigos para mim, olhos ardentes para os forasteiros.

Não demorou muito, as onças indicavam vingança, os homens queriam as terras. Um barulho se sobressaía, era o esturro das onças. No ar, sob o ardente fogo, observo o pulo, alto e decidido.

Frente **à** frente, olho por olho. A cada passo que as onças **dava**, os brancos se retra**ia**. Um estouro no chão, um branco caído, uma onça com patas agarrando os ombros robust**o** do forasteiro. Gritos dos amigos, medo **nós** inimigos.

O golpe final veio. Aquele que acalmaria o animal, aquele que mandaria embora os intrusos. Moacir chega, **decidido** pôr fim, não deixaria aquela que faz parte da **florestas**, sujar-se de sangue. A morte não seria o bem para todos.

— Afaste-se, não matar**as** este homem. Volte para onde veio, Tupã guie. Senhor forasteiro, como você presenciou, este lugar tem um povo, povo que protege com garras e dentes o seu lugar. Volte para suas terras, ficará **à** salvo.

Passos rápidos, correndo contra o seu próprio fôlego. Assim a floresta ficou salva, os pássaros vinham a assobiar. Os moradores comemorav**a**, aquilo que era deles, continuava sendo deles.